Relação Summaria das Cousas do Maranhão

Escripta pelo Capitão Simão Estacio da Silveira

Dirigida aos Pobres deste reino de Portugal

I

Demarcação

O Maranhão he uma conquista muito grandiosa e dilatada, cuja governação Sua Magestade tem demarcado desde o Ceará (que está em trez gráos e um terço da parte do Sul) até o ultimo marco do Brasil, que está em dous gráos da banda do Norte; em que ha de costa perto de quatrocentas legoas até o rio de Vicente Yanes Pinçon, onde dizem estar um padrão de marmore com as armas de Portugal desta parte, e as de Castella da outra, mandado alli fixar pela Cesarea Magestade do Imperador Carlos V, corre delle a costa a Leste quarta a Sueste .Tomou este nome de *Maranhão* do capitão que descobrio seu nascimento no Perú, e para o Sul tem mais de quinhentas legoas pelo sertão.

II

Primeiros Descobridores

No descobrimento desta conquista, tem Sua Magestade e os Senhores Reys passados, mettido muito cabedal, assim por terra como por mar.

Por terra, foi em seu descobrimento Gabriel Soares com muita gente, e chegando as cabeceiras da rio S. Francisco e á Serra Verde, perto de trezentas legoas pelo sertão encontra o Perú, perto da governação que lá chamão *Charcas* na qual jornada se perderão muitos, e depois disto se fizerão algumas entradas pelos do Rio de Janeiro, onde tambem andarão annos sem conseguir nada.

Até que o governador daquelle Estado D. Diogo de Menezes, sabendo o cabedal, que pouco antes do seu tempo tinha mettido neste descobrimento Pero Coelho de Souza, e as guerras em que andou com o *Mel Redondo* nas serras de Goapava e que entre aquelle gentio havia noticias do Maranhão (entendendo que estes descobridores devião andar perto delle) mandou conservar as amisades que elle deixou feitas com o gentio do Ceará, pelo capitão Martim Soares Moreno, que havia andado na companhia do dito Pero Coelho naquellas guerras: e para isto lhe deu um barco, e alguns companheiros, com que residio tres annos no Ceará, e adquirio pilotos e novas noticias do Maranhão.

III

JORNADA EM QUE SE DESCOBRIO

O governador Gaspar de Souza succedendo naquelle governo mandou (por particulares ordens de Sua Magestade) a Jeronymo de Albuquerque com cem homens por mar em quatro barcos proseguir esta empreza. O qual discorrendo a costa avante do Ceará foi até o Buraco das Tartarugas, e alli fez um prezidio, e uma cerca, e se tornou a pedir mais gente, e cabedal para passar ao Maranhão, enviando entretanto a descobril-o pelo capitão Martim Soares Moreno em um barco, o qual o reconheceu, e por via de Indias trouxe recado a este Reino, que estavão alli Francezes em quantidade, com o qual

aviso mandou Sua Magestade ordem ao dito Governador Geral, que tornasse a enviar a este descobrimento e conquista ao dito Jeronymo de Albuquerque, que porisso lhe deu mais gente e munições com que em tres navios e cinco barcos veio até onde deixara o presidio, no qual se havia já provado a mão com os Francezes que ião em uma grande não a povoarem o Maranhão, e desembarcando aqui em terra com duzentos homens bem armados para consumirem os nossos quarenta que estavão na cerca: lhes sahio o capitão Manoel de Sousa d'Eça com dezoito homens, e metidos em um chaco por entre umas junqueiras, e carriços que na praia fazia uma ribeira, os detiverão a todos, matando alguns, e os fizerão tornar a embarcar mal contentes.

IV

Entrada no Maranhão, e Batalha com os Francezes

Jeronymo de Albuquerque, que se ajuntou aqui com os seus, e ordenadas algumas cousas necessarias á jornada, fez resenha de sua gente e se achou com até quatrocentos Portuguezes e duzentos e vinte Indios amigos, que trouxera comsigo de Pernambuco, Parahyba, Rio-Grande, e partindo d'aqui foi ter a Guacenduba que he a terra firme, que fica da parte de Leste da Ilha de S. Luiz, onde estavão os Francezes os quaes vendo as nossas embarcações e sabendo pelos Indios, que trasião por espias, a pouca gente Portugueza que havia na jornada: logo d'alli a poucas noites derão nelles, e lhes tomarão as embarcações com os mantimentos que havia, e d'ahi a oito dias nellas mesmas, e nas suas determinarão passar contra os Portuguezes des da ilha á terra firme, aonde ao desembarcar, os nossos como gente desenganada que não tinha nenhum remedio, nem mantimentos, derão nos Francezes, e quiz Deos favorecel-os, que sendo a este tempo mais de trezen-

tos homens venceràо, matarão e prenderao a muitos dos Francezes.

E podera succeder muito ao contrario, se elles se não accelerarão em passar da ilha á terra em busca dos nossos com intento de não deixar nenhum para trazer novas.

E assim este despreso em que puzerão tão pouca gente de uma parte: e da outra a resolução, e aperto dos Portuguezes, vendo que nem para onde retirar, nem para esperar alli havia remedio, forão tudo meios que Deos tomou para lhes dar esta não esperada victoria, com que ficarão senhores do campo, e pozerão em fugida mais de trez mil Indios frécheiros, que estavão em favor dos Francezes, depois de matarem d s Indios mais de quinhentos, e perto de cem Francezes.

V

Soccorros e Expugnação

Aqui teve o Capitão-mór alguns soccorros de mantimento de Pernambuco e da Bahia, com o capitão Francisco Caldeira de Castello-Branco, com cujo favor tratarão os Portuguezes de passar a ilha de S. Luiz, e como já o Capitão mer tinha feito pazes com os Francezes, não houve de sua parte resistencia porque estavão em tregoas por quatorze mezes e enviarão seus embaixadores á Hespanha e França para que os Serenissimos Reys (como irmãos em armas) determinassem esta lide; e por se dilatar a resolução, foi Alexandre de Moura com uma armada de Pernambuco no anno de 1615, e não com pouca difficuldade e perigos do mar, entrou no Maranhão, pela barra de Peryá, onde (por ainda se não saberem aquellas barras) encalharão algumas vezes, mas sem damno, e com sua chegada se entregarão os mais Francezes do Maranhão, que estavão em tregoas, com pacto de se lhes dar passagem e

matalotagem para França, em cuja entrega não faltarão competencias, por parecer a Jeronymo de Albuquerque, e a seus companheiros, que a elles se devia aquella gloria, que a tinhão trabalhado.

VI

Primeiras Noticias Das Riquezas do Maranhão

Esta Provincia sempre foi muito requestada e desejada, e já em tempo dos serenissimes Reis el-Rei D. Manoel e el-Rei D. João III, se havia metido muito cabedal por descobrir e povoar o Maranhão, e não sem grandes motivos. Porque no tratado que Pero de Magalhães escreveu das cousas do Brasil, no anno de 1575, refere, que indo certa nação deste gentio buscando novas terras em que habitar (que de seu natural são como ciganos amigos de andar pelo mundo) atravessarão algumas jornadas para o Poente, onde encontrando-se com outra nação sua contraria, que lhes sahio pelas espaldas, e sendo mais poderosa os obrigarão a metter-se muito pelo Sertão, e dos trabalhos do caminho e conflicto da guerra morrerão muitos, e os que escaparão forão ter a uma terra, onde havia povoações mui grandes e de muitos visinhos, entre os quaes erão tantas as riquezas, que havia ruas muito compridas de ourives que só se occupavão em lavrar peças de ouro e pedrarias, com os quaes se detiverão alguns tempos.

E vendo-lhes levar ferramentas, lhes perguntarão, de quem ou porque meio as havião, e elles os informarão; como da parte do Oriente ao longo do mar habitavão uns brancos que tinhão barba, de que as alcançavão; então lhe derão os outros os mesmos signaes dos Castelhanos do Perú, dizendo-lhes, que tambem da outra parte do Poente tinhão noticia haver gente semelhante, e lhe derão a troco das ferramentas, certas rodellas todas chapeadas de ouro, e ornados com esmeraldas, pedindo-lhes

que as levassem para mostrar áquellas gentes, que tinhão as ferramentas, e que lhes dissessem, que se a troco daquellas peças e outras semelhantes lhes quizessem levar ferramentas, e ter communicação com elles, que o fizessem, que estavão prestes para os receberem com muito boa vontade, e que partidos d'alli forão ter ao Rio das Amazonas, e navegando por elle acima dous annos, chegarão á Provincia de Quito (terra do Perù) onde logo forão conhecidos por gente do Brasil, e contarão sua jornada, e offerecerão as rodellas que forão vendidas por grande preço.

E conforme ao que Auctor discorre desta jornada (que elle testifica como cousa muito certa), estas gentes ricas devem ser os habitadores do lago dourado, em cujo descobrimento se hão consumido infinitas gentes, e capitães Castelhanos, e vem a cahir no Sertão do nosso Maranhão, a que os do Perú chamão *Paytiti* e *Dourado.*

VII

Jornada de Gonçalo Pizarro e Francisco Orelhana

Por estas e outras informações, se moveu tambem Gonçalo Pizarro (que foi o que depois se quiz levantar com o Perú) a vir (alguns antes deste successo) em descobrimento da canella, que achou haver muita em terra de Sumaca, que (conforme os signaes) he a mesma que a da India, segundo confere Antonio Galvão, e tambem Gonçalo Pizarro, e os seus vierão achar Gentio que tratava ouro em quantidade.

E do muito que delle houverão, procedeu a necessidade de fazer o bergatim em que metteu as bagagens, e poz por cabo o capitão Francisco de Orelhana, o qual levado mais do peso do bergatim que das correntes do rio (que tomou por desculpa), se deixou levar de sua ambição, e desembocando

pelo rio do Pará, veio á Hespanha: onde disse tanto das riquezas desta terra, que o Imperador Carlos V o despachou por Almirante deste descobrimento, e lhe mandou ordenar para isso uma boa armada, que não foi de effeito por elle morrer nas *Canarias*.

VIII

Descobrimento de Luiz de Mello da Silva

Luiz de Mello da Silva, filho do alcaide-mór d'Elvas, andava na costa do Brasil por aventureiro, a descobrir alguma boa Capitania, que pedir a el-Rei D. João III e sendo forçado dos geraes a vir discorrer esta costa do Maranhão, lhe pareceu a terra muito excellente, pelo que aportou na ilha da Margarita, onde achou alguns do bergantim de Orelhana, que lhe disserão tanto da terra dentro, como testemunhas de vista, que o obrigarão a vir, á gran-pressa pedir á Sua Alteza aquella Capitania, para a conquistar e povoar, e para isso, se lhe aviou uma armada de trez navios e duas caravellas, com que foi ter ao Maranhão, em cujos baixos se perdeu a armada. E elle e alguns que escaparão em uma caravella, que ficou fóra de perigo, tornarão a este Reino, e por ficar muito gastado desta jornada o despachou el-Rei D. João III, para a India, d'onde vindo rico e com animo de tornar a esta empreza, se perdeu na náo *S. Francisco*, de que não houve mais novas.

IX

Os Filhos de João de Barros no Maranhão

Por estas e outras informações João de Barros, famoso historiador, que teve grandes noticias desta terra, como quem escrevia della uma Decada intitulada—*Santa Cruz*, se moveu a pedir a el-Rei esta

Capitania e armando com Fernão Alvares de Andrade, thezoureiro-mór deste Reino e Ayres da Cunha, mandou em companhia dous filhos seus, no anno de 1535, a qual armada era de novecentos homens, em que entravão centro e treze de cavallo, e la se perdeu esta frota: e a gente que escapou, depois de fazerem na Ilha de S. Luiz (onde agora se chama o *Boqueirão*) uma fortaleza de que ainda alli estão alguns vestigios, em que se vê pedras brancas das de Alcantara os consummio o tempo, ou alguma desordem com o Gentio na comarca, de antre o rio Moniu e o Itapicuru, que he em tudo differente do Gentio da terra, porque vivem em sobrados, comem pão de zaburro e não usão da farinha de mandioca, nem de arcos e frechas, e por divisa crião barbas como os Portuguezes, e por isso os circumvisinhos os chamão de *Barbados*, como os do que atraz fica dito, e os do Mexico chamavão aos companheiros de Fernão Cortez, e tem umas espadas como achas e umas zagaias de arremeço, com que são temidos e valentes, e dizem que são descendentes de brancos, a que elles chamão *Perós*, parece por memoria de algum Pedro notavel, de que conservão aquelle nome; he comtudo Gentio tão barbaro, ou mais que o outro; e porém não quizerão nunca paz nem trato com os Francezes, dizendo, que elles crão verdadeiros *Perós*.

E quando souberão que os Portuguezes estavão no Maranhão tratarão de os vir ver, e fazer pazes com elles, e dizião que estes crão seus *Perós* desejados de que elles crão descendentes; e pelo menos serão filhos das Indias, e de alguns brancos que os houverão antes de se consummirem nesta conquista; assim como tambem agora achamos infinitos filhos e filhas dos Francezes, do tempo que aqui habitarão.

X

Francezes no Maranhão

"Estes Francezes tambem vierão aqui povoar,

movidos de noticias desta terra e de haver nella grandes riquezas, porque havia mais de vinte annos que vinhão a estas barras de suas pilhagens, e tinhão aqui uma ladroeira onde espalmavão e breavão com a almecega da terra, que tambem como o breu serve.

E como do alheio sempre a mão he mais larga, com o que furtavão nesta costa, tinhão nesta ilha grande commercio e correspondencia com mais de trinta aldêas que nella havia de Gentio *Tupinambá*, e a troco de seus resgates, havião delles muito algodão, tabaco, pimenta, salsaparrilha, páos de tintas e outras madeiras de estima, e uma tinta vermelha muito fina, a que chamão urucú, e refazendo sua matalotagem com os mantimentos da terra se ião alastrados disto, até que no anno de 1610 um Carlos Vohus Francez, que se criara entre estes Indios, e era grande *tapijar* e pratico na sua lingoa (á que o Gentio poz nome *Itajubá*, que quer dizer *braço de ferro*), veio a França, e com muitos gabos que disse da terra e informações que deu de haver nella minas de ouro e de prata, e de todos os metaes, e perolas, e outras muitas riquezas, persuadio a um fidalgo Francez, por nome de Daniel de la Truxe, Monsiur de la Ravardièra que fosse conquistar e povoar esta Provincia o qual para isso fez liga com outros dous Razally e Ferluj: e convocando todos os seus amigos e parentes, vierão ao Maranhão no anno de 1612, trazendo (posto que *lutheranos*) dois frades capuchos de S. Francisco que começavão a cathequizar o Gentio; e desta Companhia erão os quinhentos homens que alli estavão.

XI

Descobrimento do grão-Pará Famoso Rio das Amazonas

Alexandre de Moura depois de lançar os Francezes para a França, pela noticia que entre elles

achou do Grão-Pará, famoso rio das Amasonas, mandou descobril-o por Francisco Caldeira de Castello-Branco, o qnal indo pelo rio acima como vinte legoas, fez uma fortaleza no sitio que melhor lhe pareceu e alli se fortificou, e teve trezentos homens á sua ordem, alguns annos, nos quaes se fizerão algumas entradas por estes rios e terras, e se descobrirão muitas couzas de que o dito Francisco Caldeira mandou aqui copiozas relações, encarecendo muito as maravilhas deste rio, e na verdade he mui famoso e ha nelle mais de cem ilhas, e outras grandezas e excellencias mui notaveis, e he o maior rio que ha em toda redondeza da terra, e tem cento e vinte leguas de boca e mais de mil legoas de descida desde o Perú, ao qual sua Magestade póde mandar abrir uma porta por este rio, por onde com grande commodidade e brevidade venhão as riquezas deile a Hespanha sem os inconvenientes de as traginar por terra ao mar do Sul, e por elle a Panamá, e d'alli outra vez a *Nombre de Dios*, e d'alli na rota á Hespanha, que tudo são trabalhosas e difficultosas escalas.

XII

Descripção do Maranhão e suas Terras e Rios

O sitio do Maranhão he uma bahia, que olha para o Norte, e terá como quarenta e duas legoas da ponta do Peryá até a ponta do Cumá, dentro em si encerra perto de vinte ilhas, e ilheos. A de S. Luiz (onde agora estão os Portuguezes) tem vinte e duas legoas de comprido e sete de largo, e sahe desta bahia como lingoa, com a ponta de Arassoagi ao Norte: ao longo desta ha outras ilhas de cinco, seis, sete e mais, e menos legoas, como são a das Goiavas, do Maçame, a de Santa Anna, a de la Tuche (que he peninsula de Gaspar de Souza, que foi Governador daquelle Estado) que terá seis legoas; uma

que se deu a um Cirurgião, que terá quatro legoas, e outra chamada das Pacas, de que Sua Magestade me fez mercê, que será de até duas legoas.

Por detraz destas ilhas desaguão nesta bahia, cinco rios Caudalosos, e todos navegaveis, que são o Monim, o Itapicorú, pelo qual, acima vinte legoas, temos uma fortaleza com quarenta soldados e alguns moradores, e uma aldêa ou duas com a gente de Bento Maciel.

O Mearim, que vem por formosissimas campinas de maçapêz, onde andão muitos bandos de emas.

O Pinaré, que dizem nasce muito perto do Perú e o Maracú, que se deriva por muitos e mui espaçosos lagos; em todos, e cada um destes rios, se póde fundar um Reino opulentissimo; porque tem bonissimas agoas, muitos pescados, muito excellentes terras, muitas madeiras, muitas fructas, muitas caças.

A fóra estes, ha outros muitos rios menores, e ribeiras, que tambem desagoão nesta bahia, e na entrada do Maracú, ha umas salinas grandes, fabricadas pelas natureza, aonde em uns lagos, que secão quando as agoas andão baixas, coalha muito sal, que ainda que não he tão alvo, he bom, e bastante para o uso commum.

XIII

Estado das Cousas no Maranhão

Ha hoje no Maranhão, quatro fortalezas, e ao longo dellas mais de trezentos vizinhos Portuguezes.

A cidade de S. Luiz, á sombra das fortalezas S. Felippe e S. Francisco, Itapary, á sombra da fortaleza S. Joseph, e os que estão no Itapicorú, á sombra da fortaleza chamada Nossa Senhora da Conceição.

Além das quaes, ha duas estancias de moradores, uma no sitio, que chamão dos Francezes, onde se deixarão ficar alguns, que depois casarão com

mulheres das Ilhas, e são ferreiros, e gente de prestimo á conquista, e os que melhor sabem a terra. E outra na aldêa de Arassoagy, em companhia do capitão Branco que alli está.

Tambem ha nove aldêas de Gentio circumvisinhas, que fortalecem, acompanhão e servem aos Portuguezes de pescadores, caçadores e outros misteres, e todas tem suas Igrejas muito formosas, e desejão muito ser christãos, e agora vão frades Capuchos, para os cathequizar, além de que já lá estão padres da Companhia.

XIV

Administração dos Indios

E para esta terra ir em grande crescimento, convinha que Sua Magestade, désse estas aldêas á adminisfradores casados e de cabedal; assim para que haja na Conquista com que premiar os benemeritos, como para os Indios terem quem acuda por elles e trate de os fazer christãos, e os ampare e conserve, e os faça arreigar na terra e cultival-a, e os tenha destros e promptos para qualquer occasião, e os taes administradores devem residir nas aldêas, e obrigar-se a sustentar Igreja e Clerigo com algum moderado serviço, que para isso recebão de cada Gentio, cada mez, como se faz nas Indias; que he o principal meio de a povoação dellas ir em tão grande augmento, que por mais que digão, quem vai interessado nos Indios trata de os conservar e ter contentes, porque senão vão pela terra dentro, como tem ido por esta falta muitas aldêas, que havia no Maranhão, mais de trinta, quando nelle entrarão os Portuguezes, e todas fugirão de nossos tratos; elles sabem o porque, e eu digo, que he por não terem dono proprio que d'outra maneira não falta quem lhes faça más praticas contra os Portuguezes, por usurpar para si estas administrações que pertencem aos que as

ganhão com as armas nas mãos, e não he em damno do Gentio ser governado por um Capitão honrado que os ampare e adestre, que tambem os povos de Portugal são governados por ministros de Sua Magestade.

XV

Commodidades do Maranhão

Com tudo vai o Maranhão cada dia em crescimento, e a terra mostrando sua fertilidade e fecundia: e são feitas muitas roçarias de farinhas e outras culturas, e ha já muitas casas de telha, muitas boas olarias, muitas caças, pescarias, mariscos, frutas, mel, hortas, sal, e lenha, e algumas criações e outras muitas cousas, como adiamte diremos, com que vivem contentes em grandissima abundancia, e cada dia se vai ennobrecendo a terra com Igrejas e outros edificios particulares, e a Camara do Maranhão tem perto de cem mil réis de renda de fóros da sua legoa de terra que se tomou ao longo da cidade, só falta commercio de navios, em que os homens se valhão do que tiverem, e hajão a troco o que lhes falta, que como houver um navio na terra, logo começará a florescer e mostrar as grandezas de sua fertilidade.

XVI

Commodidades do Maranhão

Do Maranhão até o Pará, corre a costa a Leste, quarta a Noroeste, de maneira que de dous gráos da parte do Sul, em que está a ponta da barra do Maranhão da parte do poente, chamada o *Cumá*, correndo cento e vinte legoas, que ha até o *Separará* que he a ponta da barra do Pará, da parte de Leste, se vem a achar justamente na linha equinocial.

Toda esta costa he bonissima, forrada de bel-

licimas Ilhas, e estremadas bahias muito abrigadas, ornadas de caudalosos rios e ribeiras, e fresquissimos arvoredos, cujos madeiros sobem ao Céo e são infinitos.

Esta Provincia habitavão os *Tupinambás*, em muitas aldêas, que os Portuguezes atravessavão, indo e vindo do Maranhão ao Pará, até que no anno de 1618 (ou escandalisados de nossa visinhança ou movidos de sua fereza) ordenarão em uma mesma noite, matar todos os brancos, que entre elles andavão espalhados por differentes lugares, e os que estavão em um presidio no Cumá, e de effeito o puzerão em execução, pondo logo ao Pará um mui apertado cerco, do qual sahio o capitão Manoel Soares d'Almeida a pedir soccorro ao Brazil, e com sua boa deligencia lhe foi Jeronymo Fragozo de Albuquerque capitão-mór do Pará, com soldados de Pernambuco, e ainda achou os nossos cercados e com grande fome; depois de os remediar, seguio o Gentio, perto de duzentas legoas pelas ribeiras do Pará acima, aonde elle morreo, depois de se fazerem nesta jornada muito honrados feitos por todos, especialmente pelos capitães Custodio Valente e Pedro Teixeira, e outros que assignalarão muito suas pessoas, que a brevidade desta *Relação* não soffre recitar agora, fal-o-emos de todos em particular na *Historia do Brasil*, que entendo em escrever.

XVII

Conquista dos Tupinambás

E por terra foi o capitão Bento Maciel Parente desde o Maranhão, com oitenta homens e seiscentos Indios frécheiros das aldêas do Maranhão, e fez neste Gentio grandes estragos, e os mais delles descompostos de suas aldêas, e fugitivos pelos matos cahirão nas mãos dos *Tapuyas* (outra nação sua contraria) que com esta occasião matarão, comerão e

captivarão quantos acharão, e se entende, que passarião de quinhentas mil almas os mortos e captivos.

Alguns que escaparão se forão valer dos Portuguezes ao Pará pedindo paz, e misericordia, e o padre Vigario Manoel Filgueiras de Mendonça os fez ajuntar em uma aldêa no Separará, promettendolhes amparal-os alli, se elles fossem fieis: como parece serão, por serem poucos, e estarem assás escarmentados, e como isto ficou, e está esta Provincia posta em paz, que com pouco receio se póde hoje povoar em qualquer parte della.

Principalmente he excellente posto a bahia de S. João, e melhor que esta, he o *Caité* (que na lingoa da terra, quer dizer mata Real) porque na verdade o he de grandes fructaes, e arvoredos.

E neste sitio se diz que ha minas de prata de importancia, que fundem quasi ametade em prata; pelo menos assim fundio uma pedra que eu vi, que disserão ser destas minas, e agora era opportuna occasião de mandar aqui povoar; porque ainda anda o Gentio da terra espalhado, e quando eu passei para o Pará, fasião fogos á caravella, que era signal de quererem paz.

XVIII

Estado do Grão-Pará

O Pará ainda está como fronteira, porque ha muitos rios, e muita gentilidade por elles, e pelas ilhas que são infinitas, de que se não ousão fiar: e assim não povoão, senão á sombra da fortaleza, e por isso não ha ainda tantas roçarias; mas a tudo supprirá a visinhança do Maranhão, d'onde em grande abundancia lhe póde vir toda a farinha, e outras cousas, com que se podem resgatar muitas *peças*, das que legitimamente são captivas, conforme as leis ge Sua Magestade (que são as que nós resgatamos do poder de seus inimigos, quando os tem captivos

para os comerem), e com pouco cabedal se podem haver aqui muitas destas, com que ajudar muito o augmento do Maranhão, onde são de muito serviço e prestimo.

Da outra parte do Pará, se chama o Cabo do Norte, d'onde residem Hollandezes em suas Colonias.

E o anno passado mandou aqui um delles o capitão Bento Maciel, de dous que lá tomou: dos quaes soubemos como he excellente aquella terra, e elles se aproveitão muito della, não só em escalarem alli os navios que vão infestar aquelles mares, mas entrando por aquelles rios a que chamão *Curupap*, d'onde se diz que tirão ouro da mão do Gentio, e outras cousas, o que têem muitos escravos de navios de Angola, que tomarão indo para Indias.

XIX

Conveniencias dos navios que vão de Angola a Indias

Aos quaes navios de escravos, será de grandissima utilidade escalar no Maranhão, pelas muitas mais commodidades que alli tem, que em nenhuma outra parte.

A primeira, he ficarem d'alli mais navegados em Indias, e haverem de chegar lá com as *peças*, que aqui refrescarem muito inteiras, e vendaveis, o que não tem nos outros portos do Brasil; porque para soccorro estão muito cedo, e para lustre das *peças* ficão longe.

Alem desta barra ser muito excellente com os ventos de longo da costa que são tão largos para entrar, como para sahir á toda hora, sempre Lestes em pôpa para o Maranhão, e d'alli para Indias, vão em oito, dez dias, e d'entro tem bonissimos portos com o vento por cima da terra para espalmar e varar.

Muito aparelho para calafetar, e almecega da terra, com que brear em muita quantidade, que por

ser amargosa, preserva do guzano, mais que o breu, e assim o usavão os Francezes, e hoje o fazem os nossos navios que aqui vão.

Tambem como he terra nova não valem os mantimentos nada, e por não haver saca delles como nos outros portos ha grandissima abundancia de tudo; de modo que podem aqui refazer, e reformar suas armações, com mais regalo para os negros do que nos outros portos acharão para suas proprias pessoas.

E para que a todos seja notoria a abundancia desta terra, o mostrarei nos capitulos seguintes.

XX

Salubridade do Céo

A excellencia desta terra consiste em muitas cousas notorias. A primeira, no amenissimo Céo, e saluberrimo ar de que goza, aonde sempre he verão e sempre está o campo, e arvoredo verde, carregado de infinita diversidade de fructas, cujos nomes, sabores, e feições, excedem a toda a declaração humana.

Sempre os dias são iguaes com as noites: do que procede um suavissimo temperamento, nem quente, nem frio.

Os ventos cursão de ordinario do Nascente, e vem com o Sol, e com elle cressem, e se põe; de maneira, que se o meio dia traz alguma calma (que não chega a ser nunca tão rigorosa como a do nosso Estio), aquella natural viração, que então sopra mais, o tempera, e mitiga de modo, que a calma se não sente, nem ha frio, senão de noite; e só por não ver a cara d'um inverno deste nosso clima, se podia estar nu no Maranhão, cuja salubridade sera evidente á quem considerar quanto a nós, nos são gratos, e sadios os seus ares, quando lá imos; e que os naturaes d'alli vindo aos nossos, logo morrem.

XXI

Pureza das Agoas

O infinito numero de fontes, que esta terra produz, são tambem muita parte de sua frescura, porque como o sol, aqui de mais perto visinha com a terra, tem ella os poros mais abertos, para brotar fontes, e a cada passo se achão correndo mil ribeiras da mais clara, e pura agoa, que o humano apetite sabe desejar, e tão sadia, que onde cahe véda a muitos doentes, la lhe serve de mesinha, porque no meio das sezões, e dos destemperamentos, e outras doenças, vimos muitas vezes sarar com agoa, e nas febres, sarão pela mór parte lavando-se com ella.

Affirmo-me como de vista, que nenhumas agoas destas nossas partes podem competir em nada com as desta terra: do que faz grande encarecimento o padre Joseph da Costa, na sua *Historia natural e moral das Indias*, e me serão testemunhas as reliquias das aguadas que aqui chegarão das quaes, por grande excellencia, se fizerão presentes, sendo muitos mais os peditorios

XXII

Fertilidade da terra

O terreno desta Provincia he geralmente de uma terra golfeira, e muito criançosa, toda cheia de grandissimos arvoredos, que testificão sua fecundia; tambem ha nella muitas varzeas de terras grossas, e de maçapêz, aonde não leva arvoredo, senão hervaçaes muito fortes, em alguns dos quaes são postas cannas de assucar, que excedem a todas as mais do *Estado do Brasil*, em grossura, e grandeza; que pela maior são de dez, e doze palmos de comprido, e algumas de mais.

E além ser toda esta terra muito viçosa, ajudão

muito a sua fertilidade, os quotidianos regadios, com que o Céo a refresca; porque ordinariamente chove cada dia, ou cada dous, sem se vestir o Céo de lucto como cá: mas em mangas d'agoa como as chuvas da Primavera, que nella parece continua.

A terra he chã, pouco montuosa, e tão branda, que por viço se póde andar descalço.

Deste clima, e deste terreno debaixo da Z na torrida de que os antigos não tiverão noticia, e forão de parecer, que seria inhabitavel, depois que a experiencia mostrou o desengano, houve auctores, que imaginarão, que aqui devia ser o Paraizo de deleites, onde nossos primeiros pais forão gerados.

E o dito padre Joseph da Costa o contradiz com a *Escriptura Sagrada* sómente: e no do mais bem reconhece, que he merecedor este clima daquelle predicamento, como se póde ler no cap. XIV, do segundo livro da sua *Historia* acima referida.

XXIII

PÃO

Diz o *Sagrado Evangelho*, que não só com o pão vive o homem, em mais espiritual sentido.

Porém não será muito alheio de nosso intento, se moralisarmos este passo: entendendo pelo pão o mantimento quotidiano, e pelo homem, o genero humano; pois que das quatro partes do mundo, as trez não uzão de trigo; toda essa grande Azia vive pela maior parte com arroz, essa Africa, com arroz, e com milhos, e outras semilhas, e essa America com *mahiz*, que he milho zaburro, e com mandioca, que o Bemaventurado Apostolo S. Thomé lhes industriou (segundo tradicções) vivem tão contentes, como nós com o nosso pão de trigo; do qual, diz Galeno, que he a peior cousa de que nos podemos fartar.

E já póde ser, que por isso as nações que co-

mem muito pão, são muito melancolisadas, e a Portugueza, mais que todas; não porque tenha mais pão, que as outras; mas parece, que pela mesma razão, que nos custa mais caro, e nos vem de carreto fazemos mais estima delle, e como cousa que nos falta, a temos por mais preciosa, e por isso nos empregamos mais em comer pão, e, verdadeiramente, elle he o que nosso Senhor nos ensinou a pedir, e a materia em que Sua Divina Magestade consagrou seu Sacratissimo Corpo, he o de que faz mensão o Evangelho, para comprehender o sustento do homem.

Porém o segundo lugar depois do trigo pertence á *mandióca*, que he farinha de umas raizes muito ferteis, muito sadias, e muito substanciaes, das quaes se fazem muitas sortes de farinha, uma muito fina, e tão branca, e mais que a do trigo de Alemtejo, a que chamão carimã de que fazem bolos a que chamão *beijús*, e biscouto, que chamão *caçave* e *filhós*, e bolinholos, sobre tudo, um caldo, como de *almidão*, mas muito melhor, que chamão *mingáo*, e engommão com elle, como com a gomma muito fina de trigo.

Faz-se mais destas raizes a farinha fresca que tira as saudades do pão, molle, e a farinha ordinaria, que chamão de *guerra*, que serve de matalotagens e como cá chega já velha, e mascavada do mar lhe chama o povo *farinha de páo*, merecendo este mantimento outro nome de muita estima, porque della se fazem bolos, pão biscouto, e cuscús muito excellente, e com ella se sustenta mais gente, que com o pão de trigo, que vivem mais annos, que nós, e vai á Angola, em quantidade de navios carregados, e vem com ella matalotados, milhares de almas outra vez ao Brasil e a Indias, e a este Reino, e tudo póde supportar tão bom mantimento.

Pela qual causa, Luiz Mendes de Vasconcellos do conselho de Sua Magestade, e governador de Angola, na sua *Arte Militar*, lhe dá o segundo lugar, depois do trigo, como quem bem penetrou as

excellencias desta semilha, que se avantaja do trigo, em estar sempre na terra crescendo todo o anno; em que o trigo está mingoando nos graneis, e em estar sempre feita em bôa sezão, que não está o pão passados oito dias, e em respeito dos Portuguezes, se avantaja, principalmente sobejar naquellas partes, d'onde elles a carregão para fóra.

Quando na nossa patria, nos falta o trigo ordinariamente, o comemos todo o anno, pela mão de estrangeiros, que com elle se fazem poderosos, e por elle nos levão tudo quanto trasemos da India e da China, e nem isso basta para termos pão e assim temos os Portuguezes menos acção de desprezar a mandioca, que as outras nações do mundo, considerando, que he ella tal mantimento, que havendo no Maranhão muito milho zaburro, e muito excellente arroz em quantidade, não se faz lá caso nenhum delles para pão, sendo boa verdade, que se o cá tiveramos em abundancia, não fora tão duro o captiveiro de comermos o pão pela mão do estrangeiro.

XXIV

VINHO

Odiosa empreza será persuadir á muitas gentes deste mundo, que he boa terra o Maranhão, se lhes houver de decontestar, que não ha lá vinho; e assim só aos desapaixonados, ousarei a dizer, que lhes não faltará de carreto, he que o que lá chega, e muito melhor que o mais estimado do Reino, porque o refina o clima, e o sobe muito de ponto; e não se desconsolem os amigos desta fructa, porque o Maranhão os brinda com vinho de palma que na terra as ha de todos os generos, de que se faz vinho por todo mundo, a que na India chamão *urraca* e *sura*, que he muito doce, e alegra, e aquenta, e delle se faz arrobe, mel, assucar e vinagre.

Ha vinho de mel, muito excellente cousa, para os resfriados, oppilados, asmaticos e boubaticos.

Ha tambem uma fructa, que chamão *cajús*, que lança muito sumo, e em mosto, he mais doce que o das uvas, e depois de cosido (porque ferve tanto como o das uvas) fica palhete muito claro e bello, porém azedo, e quanto a mim á mingoa de herbolarios; que se lhe buscarem alguma casca, ou cousa com que o coser (que a meu parecer deve ser amargoza) ou se em mosto o arrobarem, e com o arrobe o coserem de modo que fique doce, na formosura e effeitos, he tão bom como o das uvas.

E comtudo ninguem perca as esperanças de ter lá vinho de uvas, porque na terra, se dão parreiras, e uvas todo o anno, porque todo o anno he verão: e essa he a causa de se não vindimar, porque como vão sempre dando, e florescendo, e estando outras em agraço, e ha poucas parreiras, estimão-nas para comer, e não se persuadão a que possa haver vindimas.

Mas eu cuido, que se se pozerem muitas parreiras, em quantidade (pois não faltão terras, e arvoredos a que as arrimar) que poderão vindimar cada mez, e que assim pelo discurso do anno, recolherão muito vinho.

As mais industrias desta materia se encommendão aos devotos do licor que se os que o são neste Reino, lá passarem, eu lhes asseguro, que se não deitão ás escuras, porque além dos sobreditos, ha outros muitos vinhos, que os Indios fazem do milho zaburro, e de outras fructas, com que elles se alegrão, e fazem suas ordinarias borracheiras.

XXV

Carne

Posto que até agora, não ha no Maranhão muitas criações de gado, todavia, essas vacas, que alli

forão ter (as primeiras por ordem do Governador Geral do Brazil Gaspar de Souza), tem multiplicado grandemente, e dado mostras de valente producção, porque as crias vão sempre sendo maiores que as mães.

E logo ao segundo anno emprenhão as femeas, e os novinhos sào de robusta estatura: tambem as cabras são de grande multiplico, que ordinariamente, parem de dous em dous, e as crias medrão muito, e já ha alguns criadores particulares que tem bastante copia, para se inçar a terra ainda que seria grande beneficio entrar agora nos principios mais gado para em menos annos vermos nesta Conquista a abundancia, que ha de criações por todo o Estado, onde tambem forão de principio levadas de carreto, e a terra as abraçou de maneira, que quase não valia a carne dinheiro, e uma vacca em pé muito formosa vale hoje no Rio-Grande dous mil réis, d'onde em seis dias se vae ao Maranhão, que tem tanto e melhor aparelho que as outras partes do Brasil, por causa das formosas campinas, muitas hervagens e salgados, e excellentes ribeiras de que a terra he enriquecida.

Não chegarão lá ainda cavallos, nem ovelhas: os porcos multiplicarão tanto, que já ha muitos lavradores, que tem cem cabeças, e são muito grandes e de bonissima carne, qual he toda a deste genero do Brasil, onde he notorio, que se dá aos doentes, e para este gado tem a terra grande disposição, pelos muitos e continuos fructaes, que nella há todo o anno, e principalmente, porque nella se da a *junça* com que nas Ilhas Terceiras os cévão tambem, e melhor, que nas mesmas Ilhas.

Por cima disso ha infinidade de porcos bravos assim dos nossos javalis de Hespanha como de outra casta de cochinos mais pequenos e cabeçudos que tem o umbigo nas costas, e andão em grandes magotes, e se matão muito facilmente, de que pela mór parte se sustenta a Conquista; e por uma faca

de cabo de páo amarello (ou por outro semelhante resgate) dá o Gentio da aldêa do Monim um destes porcos, e por toda a terra firme ha grande copia delles.

Ha veados pela terra dentro, e por aquellas ilhas, ha muitas gazellas, que cada dia vem mortas á cidade.

Muitas antas verdadeiras, que são como vacas pequenas com o rosto como ellas: mas sem cornos, e beiço de debaixo mui comprido, e não sahem senão de noite.

Ha muitas pacas, que respondem cá ás nossas lebres; mas são muito melhores, porque a sua carne he mais branda, alva e gorda, e tem uns couros como leitão, e são muito carnudas, e gostosas assadas, e cosidas, e de todo o modo: tambem fogem para a cova, e se açhão uma alagoa quando as perseguem, se salvão nella.

Ha cotias que são como os nossos coelhos, e melhores, e com a orelha de gato como a paca.

Ha tatús de diversos generos que são armados de conchas como laminas de um cavallo d'armas, tamanhas como um bom gôzo, e tambem se encovão, e he gostosa carne.

Ha jabutys, que são como kagados, mas grandes, e muito ovados por cima: a carne he muito sadia, e o figado grande em sua quantidade, he o mais regalado comer que a natureza criou.

Ha apercas e coelhos mais pequenos que os de Portugal, e outras diversidades de caças muito estimadas, que a brevidade desta *Relação* não soffre descrever; basta que com um Indio caçador, que haja n'uma casa de grande familia, tem um açougue continuo para si e para os visinhos, e não trato agora mais, que, do que se come, porque além destes, ha outros muitos animaes, e bichos de que espero fazer larga relação na *Historia do Brasil*, mas não se intimidem com os rescar porque lhes affirmo que cá entre nós ha bichos mais peçonhentos e

nocivos, de que nesta terra hão de ficar livres aquelles, que sua boa sorte lá guiar.

XXVI

Aves

Ha muitas e mui excellentes gallinhas caseiras, tamanhas como perús, que multiplicão grandemente, ha pombas mansas, muito formosas que alli ficarão dos Francezes, que tambem tinhão muita criação de perús, que nesta terra se darão melhor que em nenhuma outra, e patos; porque ha muitos bravos, muitas gallinholas e marrecas, e outros infinitos de agoa, que com um páo se deixão matar, e tambem se caçáo lindamente lançando cabaços nas alagoas (até que avesem a elles) e depois se mete um Indio pela agoa com um cabaço na cabeça, e buracos nos olhos, e chegando a elles mansamente, os vai mergulhando pelas pernas, e debaixo da agoa lhes torce o pescoço.

Ha nambús, como as perdizes de cá.

Os Indios tinhão entre si gallinhas de criação, mas ratinhas: ha muitas emas em bandos pelas campinas, ha muitas rôlas, motúns, como perús, com o bico grosso e vermelho, jacús e araconas como gallinhas, muitos tocanos e monçôes, como cá os tordos e além destes, ha outros muitos passaros uns vermelhos, outros amarellos, papagaios, aráras, corycas, garçotas e outros de varias, e formosissimas pennas, aletos e garças, e outras mui reaes aves de rapina, de que largamente diremos na *Historia*.

XXVII

Pescados

Entre todos os pescados he notavel o peixe boi, porque em taçalhos sem osso, nem espinha, se ti-

rão de um destes peixes cinco e seis arrobas de carne, que mais parece que não he peixe; e o peixe he de feitio de um boi sem pernas, com o rabo redondo como uma botija, de que se tira muito azeite. E este dizem ser o peixe melhor, cujos ossos na India retém o sangue no corpo ferido: quando são de femea donzella, cosido com couves parece boa vitella, e como tal faz as sopas, e assado, e em pão, he excellente, e muito mais para estimar salgado para matalotagens, porque toma pouco sal, e he muito gordo e saboroso, e até dos couros se podem fazer muitas cousas de grande prestimo.

Em segundo lugar he excellente cousa o *jurará* que assim chamão a uns grandes kagados da agoa doce, que se comem tambem por peixe, sendo elles mais carnosos que um porco, e os lombos assados e de vinhadalhos são de vantagem, e se faz delles sarapatél bem como torresmos, e muita manteiga, que excede á de vaccas: são grandes, ha muitos e tomão-se facilmente, e durão em casa sem comer mais de um mez, e pelas praias se achão suas ninhadas de ovos, e outras vezes de tartarugas do mar (que tambem ha muitas) que tem quatrocentos ovos, e mais, que he uma mina, porque são muito bons e sadios: tambem as conchas dos jurarás são de proveito.

Ha erubins, solhos, camaroupins, piraguivas, chernes, meros, que todos são peixes de uma, até trez e quatro arrobas.

Ha pescados de trez castas, bicudas, da linha, e outras que tem o couro como chamalote de sêda, ha corvinas, abroteas, enxareos, dourados, pargos, bonitos, cações, arraias, bagres, moreias, enxarrocos, pampanos, enxadas, sargos, peixes pedras, requeimes, choupas, peixes reis, lingoados, peixe gallo, agulhas, roballo, bodião, enguias, eirós, polvos, e outra diversidade de pescados, que cá não conhecemos; e por isso os não nomeio, e sobre todos ha infinidade de fataças, e mugens em tanta copia, que

saltão de noite nas canôas, de maneira que lhes vem fugindo e lançando o peixe ao mar, por sê não irem ao fundo.

XXVIII

Mariscos.

Ha muitos caranguejos de diversas sortes, e os da terra são os melhores: ostras do lodo e de pedras, grandes camarões: buzios de muitas sortes, mexilhões, berbigões, longueirões, ameijoas, perseves em pedras, e caramujos, pernambins, e no Pará muita quantidade das conchas de madre-perola: em que se achão perolas, e aljofares, ouriços e outros muitos mariscos em grande copia.

XXIX

Legumes e Hortaliças.

Ha muito e bom arroz, muito milho zaburro e outro branco, muitos feijões, e favas de diversas castas, amendoins muito gostosos para regalo, muitas batatas de côres por dentro e por fóra, amarellas, roxas, alaranjadas, brancas e vermelhas, e todas melhores que as das Ilhas Terceiras, e a junça dellas se dá com vantagem.

Melhor que as batatas, são as macacheiras, tambem raizes mais compridas a modo de mandioca, que assadas e cosidas são muito boas e sadias.

Ha melões excellentes, pepinos, melancias e abobaras de diversas castas, e bugangos, a que lá chamão geremús, nabos e rabãos, couves, coentros, endros, segurelha, e cebolas se dão tambem naquella terra.

O afamado ananaz tem aqui seu lugar, porque nasce em umas hervas como a nossa babosa, do tamanho de um pepino, e do lavor de um pinho verde, e chegando a ser amarello rescende, e he o rei das fructas.

Tudo isto se dá todo o anno, de maneira que se cada mez vão pondo meloeiros em cada lua colhem melões, e já fica dito a fecundia das cannas de assucar, por isso não trato mais dellas, sinão dizer que ha já muitas, e que muito cedo há o Maranhão de mandar aqui muitos navios de assucar.

XXX

Arvores e Fructas.

Toda a sorte de arvores de espinho, laranjeiras, cidreiras, limoeiros, zamboas, toranjas e limas, se dão nesta terra estremadamente, e tambem romeiras, parreiras e figueiras, e marmeleiros se dão em todo o Brasil, e já eu deixei alguns nascidos no Maranhão, que devem já dar fructo: porque a terra cria muito depressa as arvores.

Tambem ficavão nascidos muitos coqueiros de cocos que vierão de Pernambuco, e a terra tem infinidade de palmeiras muito grandes, e de todas as castas, de que se usão dos palmitos, que por regalo, ou por uma necessidade servem.

E leio nas historias das Indias, que em terras desta altura ha oliveiras, e duras nozes, e amoreiras de que lavrão muita sêda.

Haja curiosos que o procurem, e não sejamos nós para menos, pois Deos nos deu tão boa terra que tambem nas Indias não havia isto, e de Hespanha se levou, e hoje tem lá tudo o que ha em Hespanha, como refere o dito padre Joseph da Costa no livro quarto de sua *Historia das Indias*, cap. XXXI e XXXII, que terra que deu a junça e os melões, e tudo o mais que fica dito, com vantagem dos de cá, tambem dará o de mais se lh'o levarem a tempo e com modo: sem isto ha infinitos fructos naturaes da terra como são os cajús, mangabas com sabor de sorvas, mas maiores e melhores, goinbas, araçases, cajases, guajarases, pacovas, e bananas, bacorys, co-

quinhos de palma, e outros de fazer azeite como os de Guiné; e umas fructas em cachos, como uvas roxas, outras como pêras, outras como fructas novas, que chamão tuturubás; *as anhás* do Pará (que nascem em umas arvores como castanheiros, e assim encadeão, mas são trez, e quatro tanto maiores) he a fructa mais excellente que ha no mundo de seco, porque são muito grandes, muito gostosas, e durão dois e trez annos, e ha infinitas.

Affirmarão-me que havia as mangas da India e os duriões de Malaca, e eu o crí; porque a terra está na mesma altura que Malaca.

Fallar nas madeiras e na grandeza, e diversidade das arvores he um infinito.

Basta saber que a terra he toda pela mór parte coberta de tão altos arvoredos que se vão ás nuvens, e tão vastos, que não apparece o Céo em muitas legoas de terra, e que ha madeiros de dez e doze braças de pé em redondo, e destes muitos, e que geralmente são todos tão direitos como cirios e tão grossos no pé como na ponta, e quasi todos dão fructos, uns grandes, outros em cachos, outros redondos, outros quarteados, quaes agros, outros doces: uns com casca dura, outros molles com caroços e pevides, uns que se querem de cama, outros alporcados, outros assados.

Em que tudo se está mostrando a magnificencia e maravilhas do Creador.

Entre estas arvores ha madeiras de varias côres, brancas, pretas, adamascadas, vermelhas, roxas, rozadas e amarellas: todas estas com côres e lustre de muita perfeição, umas muito duras, outras molles: outras que cheirão a alhos e o fructo tem o mesmo sabor picante, outras que parecem calambuco com sua odorifera resina, aqui o páo de roza, os cedros, os louros, as murtas, os anjelins, e outros infinitos de contar: alguns dão tintas, outros dão balsamos e oleos cheirosos, e almecegas, e tacamáca, e tacaranha, e outras mil diversidades de cousas em que não

ha tomar pé, mais que louvar a gloria de quem as criou tão bellas e formosas, todo o anno verdes, e com folhas e fructos.

XXXI

Drogas.

Tem se por cousa certa que ha minas de ouro e prata, e outros metaes nesta terra, e pedras de muito preço, e serras de cristal, e outras de salitre e de sal da terra: tambem ha muitas salinas do mar, ha barreiras de excellente barro, de que vale uma telha um real, e pedreiras de jaspe branco, verde e negro, de que eu trouxe as amostras a Sua Magestade, ha muito mel e cêra por aquellas arvores: muita almecega, e anime, e oleos cheirosos, e se os soubessemos compôr, cuidarei que se poderia fazer beijoim de boninas, que de semelhantes resinas deve ser feito.

Tambem suspeito que o almiscar que vem da China deve ser composto de alguma parte, ou partes de certos lagartos grandes, que ha por estes rios, cujas orelhas e mais partes glandulosas mirradas tem o mesmo cheiro e mais vehemente e dura-lhes sempre.

Não sabemos nós fazel-o, ou pelo menos contrafazel-o.

Os mais dos animaes do campo nesta terra tem pedras bazares no bucho, como em Indias.

Ha muito algodão, muito tabaco excellente, canna fistulas bravas, salsaparrilha, a herva de que se faz o anil em Indias, pita muito rica, gengibre, pimenta em grande quantidade, páo de sassafraz.

Pelo de Gonçalo Pizarro me consta que ha canella da mesma que em Ceilão, alguns brancos que entrarão na terra dizem que ha cravo como o de Ternate, em grandes mattas, e o clima he aparelhado para se crer tudo delle, que emfim he Perú Oriental e está na mesma altura que as ilhas do Cravo, e se póde cuidar da bondade de tal terra que dará quanto lhe lançarem, até açafrão.

Póde-se fazer azeite das palmas de Guiné, que as ha em quantidade, e o dos rabos do peixe boi he muito soffrivel, e a manteiga dos Jurarás excede a todas, e para as candêas ha muita cêra e muito oleo de copahiva, que allumia melhor que o de oliva, e he cheiroso, e dão uma botija por uma faca.

Eu me resolvo, que esta he a melhor terra do mundo, d'onde os naturaes são muito fortes, e vivem muitos annos, e consta-nos, que, do que correrão os Portuguezes, o melhor he o Brasil, e o Maranhão he Brasil melhor, e mais perto de Portugal, que todos os outros portos daquelle Estado, em derrota muito facil á navegação d'onde se ha de ir em vinte dias ordinariamente.

E por ser esta terra tal, a fez Sua Magestade governo separado do Brasil.

E tem mandado que se contratem os provimentos desta Conquista, á qual envia ora dignamente, por primeiro Governador, Francisco Coelho de Carvalho; fidalgo tão qualificado e de tantas partes, e o fez do seu Conselho, e com elle envia outras pessoas de muita importancia, com um grande soccorro de soldados, armas e pagamentos.

Permitta Deus que tudo seja para seu santo serviço, e de Sua Magestade, e para augmento da Christantade neste Gentio, e aproveitamento dos vassallos deste Reino.

LAUS DEO.